



Francisco Alencar

Na W3 Sul desde que chegou

Reprodução do livro História de Brasília



FOI NA W3 SUL QUE FRANCISCO FEZ A VIDA NA NOVA CAPITAL

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

A certeza de que Brasília se tornaria uma grande cidade no futuro fez com que o pioneiro Francisco Alencar deixasse tudo em Sobral (CE) para vir para cá no início de 1960, antes da inauguração da cidade. No Ceará ficaram um emprego de gerente de uma loja de tecido, a esposa Teresa — ela veio para cá menos de um ano depois — e tudo o que o casal tinha. Em Brasília, ele passou a ter apenas a esperança e a aposta em um futuro melhor. “Vendi tudo que tinha lá e vim para a nova capital, apostando no crescimento da cidade. Acreditava que quem estivesse aqui há mais tempo iria crescer junto. E foi justamente isso que aconteceu”, afirma o pioneiro.

Francisco veio para cá a convite de seu cunhado. Juntos eles se instalaram no final da W3 Sul e montaram uma loja de material elétrico e hidráulico. “Mantinha a loja na 516 Sul e morava na sobreloja. Aquela avenida é muito boa por proporcionar isso”, avalia o empresário, que mantém a loja até hoje no mesmo local. Naquele início de cidade e com a vida de Brasília toda voltada para a Cidade Livre, o comércio na W3 ainda não era um negócio muito

bom, já que a avenida não tinha nem sequer asfalto. “Chegava em casa com a roupa cheia de carrapichos e tinha que tirá-los raspando com uma faca, tamanha a quantidade”, lembra Francisco. Mas essa era apenas uma das dificuldades enfrentadas pelos poucos comerciantes que se

aventuraram na W3. “Não havia eletricidade e eu não podia testar os equipamentos que vendia, como lâmpadas e reatores”, conta o empresário, acrescentando que água também era um problema. “Buscava água para o consumo lá de casa em um acampamento. Mas eu tinha que ir na hora em

que os trabalhadores de lá não me vissem porque senão eles não me deixavam voltar com a água. Para tomar banho quente era preciso ferver a água primeiro”, lembra Francisco Alencar, ressaltando que a falta de asfalto e de prédios altos tornava o clima de Brasília muito frio.

Mesmo na hora de comprar material para a sua loja — naturalmente em São Paulo — ser de Brasília dificultava as coisas. “Uma vez, o dono de uma construtora paulista se recusou a receber meu cheque apenas por ele ser de Brasília. Tive que ficar em São Paulo mais um dia para trocar o cheque em dinheiro no banco e pagar pela mercadoria”, conta Francisco, que aprendeu a lição e dessa vez em diante só viajava a São Paulo com dinheiro vivo. Vale ressaltar que ir de Brasília para São Paulo não era das tarefas mais fáceis, já que a falta de estradas fazia com que a jornada hoje cumprida em menos de 20 horas durasse três dias. “Como não tinha carro próprio, eu voltava na boléia dos caminhões das construtoras onde comprava material”, acrescenta o aventureiro Francisco.

Ter um carro já era uma necessidade na Brasília de 1960, mas nem isso desanimava o empresário, que fazia suas cobranças nos ministérios ou em construtoras da cidade a pé ou em uma lambreta. Transporte público, nem pensar. “Havia pouquíssimos ônibus da empresa Pioneira, que passavam de quatro em quatro horas e ainda eram puro barro. Como demoravam muito, a solução era ou contar com a sorte ou

PIONEIROS

A convite de um cunhado, o pioneiro veio para Brasília tentar crescer com a nova capital. De gerente de uma loja de tecidos no Ceará passou a dono de uma loja de material elétrico

Arquivo pessoal



FRANCISCO VEIO PRIMEIRO DO CEARÁ. UM ANO DEPOIS TROUXE A ESPOSA E FOI AQUI QUE NASCERAM OS FILHOS E NETOS

“PARTICIPEI DO AUGE DA W3, QUANDO ORGANIZÁVAMOS CONCURSOS DE VITRINE E OUTRAS COISAS QUE SERVIAM PARA MOVIMENTAR O LOCAL. TODOS QUE VINHAM DE OUTRAS CIDADES FICAVAM ADMIRADOS COM A BELEZA DAQUELA AVENIDA”

ir a pé mesmo”, afirma Francisco, lembrando que não havia pontos de ônibus na W3 e o transporte parava em qualquer lugar que se quisesse. O resultado de tanta persistência pode ser visto nas ruas da própria cidade. “Tenho orgulho de ter contribuído para o crescimento de cada prédio construído aqui. Vejo nos edifícios da Esplanada dos Ministérios a minha presença”, emociona-se.

Com tantas dificuldades era natural que a vontade de voltar para o Ceará viesse com toda força e com uma certa frequência. “Levava uma vida confortável em Sobral, tinha um cargo de gerência na loja onde trabalhava e de repente cheguei aqui e me vi em um deserto. Pensei várias vezes em ir embora, mas a esperança de ver uma capital crescendo era maior e acabava prevalecendo”, afirma Francisco. O tempo foi passando, Fran-

cisco trouxe sua esposa, Teresa, de Sobral, em 1961, e à medida que as pessoas iam deixando o Núcleo Bandeirante em direção à avenida W3 Sul, a maré ia melhorando para o pioneiro. Até que veio o primeiro dos cinco filhos do casal — “todos nascidos e formados aqui”, orgulha-se — e Francisco foi se acostumando e até gostando de morar em Brasília, cidade que considera hoje como sua terra mãe. “Aos poucos, o dinheiro foi entrando e o entusiasmo aumentando. Já tinha certeza de ter feito a escolha certa para meu destino. Afinal, hoje tenho mais tempo de Brasília do que de Ceará”, contabiliza Francisco, do alto de seus 74 anos.

Apenas uma coisa em Brasília entristece o pioneiro: presenciar o verdadeiro descaso com que é tratada a W3 Sul, avenida em que Francisco viveu seus melho-

res dias de Brasília. Era um tempo mágico, com lojas de todos os tamanhos e variedades, com gente de todas as classes circulando pelo local, mas que foi acabando com o advento dos shoppings instalados na própria avenida. “Participei do auge da W3, quando organizávamos concursos de vitrine e outras coisas que serviam para movimentar o local. Todos que vinham de outras cidades ficavam admirados com a beleza daquela avenida”, lembra um saudoso Francisco. Com saudade, mas não sem esperança. “Já fizemos um projeto de revitalização da W3 provando que o local tem plenas condições de voltar a ser um fluxo de comércio muito grande”, conta, na expectativa de que alguma coisa seja feita logo em prol da revitalização da avenida que já foi uma das mais bonitas e importantes da cidade.

Raio X

Nome: Francisco Assis Pereira Alencar
Idade: 74 anos
Origem: Sobral, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Empresário
Estado civil: Casado
Esposa: Teresa Alencar
Filhos: Antonia, Henrique Samuel, Sônia Maria, Fernanda e Flávia Maria
Netos: Marília, Marcelo, Renata, Rodrigo, Adriana, Thaís, Luis Augusto, Ana Clara, Igor, Júlia, Arthur e Matheus.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL